

CONSTRUTORES DO SERTÃO: IMIGRANTES ESPANHOIS EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO-SP

Henry Marcelo Martins da Silva¹

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a trajetória da inserção social do imigrante espanhol em São José do Rio Preto-SP, no início do século XX, num contexto marcado por intensas transformações do meio urbano promovidas pela inserção da localidade no complexo exportador cafeeiro. Naquele período, as terras do interior paulista foram paulatinamente ocupadas num movimento que teve como fatores primordiais o plantio do café, o grande fluxo de capitais, o desenvolvimento do transporte ferroviário e a chegada em massa da mão-de-obra imigrante; tal processo teve como consequência o surgimento e desenvolvimento de vários núcleos urbanos que assim como São José do Rio Preto foram marcados pela presença maciça de estrangeiros, que além de dedicarem-se aos trabalhos rurais ligados ao cultivo do café, estiveram presentes de forma marcante nas mais diversas atividades urbanas.

Palavras-chave: imigração espanhola; economia cafeeira; urbanização; inserção social.

ABSTRACT

This study seeks to analyze the trajectory of social inclusion of Spanish immigrant in Sao Jose do Rio Preto, in the early twentieth century, in a context marked by intense transformation of the urban environment promoted by the insertion of the locality in the exporting coffee complex. At that time, the lands of São Paulo were gradually occupied a movement that had as main factors the coffee plantation, the large flow of capital, the development of rail and mass arrival of hand labor immigrant; this process has resulted in the emergence and development of various urban centers that as São José do Rio Preto were marked by the massive presence of foreigners, which in addition to dedicate themselves to rural work related to coffee cultivation, were present markedly in most diverse urban activities.

Keywords: Spanish immigration; coffee economy; urbanization; social inclusion

DA ESPANHA À AMÉRICA: ASPECTOS DO PROCESSO IMIGRATÓRIO ESPANHOL PARA O BRASIL

A Espanha apresentou ao longo do tempo um fluxo emigratório baixo e suas origens variaram durante o século XIX. As mudanças nessas origens revelavam o impacto progressivo do deslocamento provocado na Europa pelas mudanças na agricultura e pela industrialização. A emigração aconteceu, então, quando na segunda metade do século XIX, entrou em crise o sistema que havia permitido o crescimento da população nas décadas anteriores. Regiões como a Galícia apresentaram um sistema produtivo que se revelava, em meados do século XIX, incapaz de manter as taxas de crescimento populacional.

¹ Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS, Coordenador do Grupo de Pesquisa **História, Cultura e Sociedade**. e-mail: henrymmsilva@gmail.com.

O processo imigratório expressava um desequilíbrio estrutural que se relacionava com a crise geral da economia de tipo antigo; e foram várias as crises econômicas por que passou a Espanha no período, sendo que as principais situaram-se entre 1857 e 1868, como escreve Cláudio Aguiar (1991, p. 53/54):

“... esses momentos tiveram uma profunda repercussão nos sistemas impostos pelo setor agrícola dentro da economia de mercado, caracterizados fundamentalmente pelo predomínio do ‘antigo regime’, longo período que não permitiu esboçar-se um razoável desenvolvimento industrial”.

Os elementos que definiram o fluxo emigratório espanhol foram: o fracasso da modernização agrícola, a pressão demográfica e a lentidão no ritmo do crescimento industrial, ou seja, a emigração começou devido a um aumento demográfico sobre um modelo agrário de subsistência que se revelava incapaz de absorver o crescimento de mão-de-obra que não encontrava ocupação no setor industrial.

As produções de vinho, trigo e arroz tiveram que enfrentar a baixa de preços na Europa, havendo ainda a situação criada pelos fretes marítimos baratos e transporte interno caros². Tais circunstâncias, aliadas à perda de Cuba como colônia acentuou ainda mais a depressão da década de 1890, uma vez que representou a perda dos mercados coloniais, criando-se uma atmosfera de desastre nacional, principalmente na Catalunha e outros centros industriais que destinavam grande parte de sua produção manufatureiras para as colônias.

De 1886 até o ano de 1900, mais de 1 milhão e duzentos mil imigrantes espanhóis deixaram a Espanha; desses, conforme calculou Aguiar (1991, p. 161/162), 15% preferiu vir ao Brasil. Segundo Holloway (1994, p. 73), durante o período de 1886 - 1900, a Espanha forneceu 183.786 dos imigrantes entrados no país, 11% dos que vieram para São Paulo.

No início do século XX, a emigração espanhola conheceu sua fase de maior índice de chegadas, com 129.241 entradas nos decênios 1901 – 1910, sendo que nos anos antecedentes à Primeira Guerra Mundial, o fluxo imigratório se eleva, quando entram no Brasil 122.624 espanhóis apenas entre 1911 e 1914 (AGUIAR, 1991, p. 161).

O comportamento do fluxo de mão-de-obra espanhola se via afetado pelos períodos de crises econômicas de caráter mundial. Uma amostra das quantidades desses imigrantes entrados no Brasil no período de 1915 a 1945, expressos na tabela I, são relevantes para demonstrar que as fases críticas se apresentavam claramente demarcadas.

² "Resultaba más caro enviar trigo por vía terrestre desde la región central del país hasta Barcelona que importarlo por mar desde Odesa o alguno de los puertos americanos". A VAZQUEZ-PRESEDO, Vicente. Apud. JACINTO, 2000, p. 27.

Tabela I - Emigração Espanhola no Brasil – 1915/1945.

PERÍODOS	IMIGRANTES	MÉDIA ANUAL
1915 – 1919	38.166	7.633
1920 – 1924	44.906	8.891
1925 – 1929	37.025	7.405
1930 – 1934	9.571	1.914
1935 – 1939	3.175	635
1940 – 1945	684	137
Total: 1915 – 1945	133.527	

Fonte: AGUIAR, 1991, p. 173.

A partir do quinquênio de 1915-1919, no qual está compreendida a Primeira Guerra Mundial, o movimento de chegadas continua intenso, e o período seguinte apresenta um crescimento de 6.740 indivíduos em relação ao período anterior. Entre 1925 e 1929 e o quinquênio seguinte, no qual se situa a crise de 1929, a redução foi espetacular, pois caiu de 37.025 para 9.571, ou seja, uma diminuição de mais de 27 mil imigrantes, para depois se resumir a menos de mil entradas em 1940/45.

É fácil ver que o fluxo de emigração espanhola ao Brasil obedece rigorosamente a condições sociopolíticas e demográficas já existentes, isto é, os imigrantes espanhóis preferiam chegar às regiões onde já existiam maior segurança de trabalho para si e suas famílias, no caso, as grandes fazendas de cultura de café. De cerca de 219.142 imigrantes espanhóis declarados pelo censo de 1920 como ‘residentes’, 171.189 se achavam definitivamente instalados em terras paulistas (AGUIAR, 1991, p. 13)³.

Klein (1994, p. 35) calcula que das quatro principais etnias de imigrantes entradas no país, quais sejam as italiana, portuguesa, espanhola e japonesa, o espanhol ocupa o terceiro lugar, depois dos italianos e portugueses, e se considerarmos apenas as estatísticas oficiais de entrada/saída de imigrantes no Estado de São Paulo, ao longo das últimas décadas do século XIX até os anos 30 do século passado, podemos afirmar que os espanhóis foram inferiores numericamente apenas aos italianos; pouco antes de 1914, eles ultrapassaram temporariamente os italianos em importância e responderam por 22% de todos os imigrantes chegados ao país.

³ Ver também MARTINS, 1989, p. 13. “Em 1920, estavam no Estado de São Paulo 78,2% dos espanhóis”.

Tabela II – Estados que receberam imigrantes espanhóis.

Estado	1920	1940	Total
Acre	97	18	115
Amazonas	986	322	1.308
Pará	3.355	1.065	4.420
Maranhão	65	35	100
Piauí	5	9	14
Ceará	23	44	67
Rio Grande do Norte	19	8	27
Paraíba	13	6	19
Pernambuco	1.014	201	1.215
Alagoas	38	24	62
Sergipe	20	11	31
Bahia	2.489	2.046	4.535
Minas Gerais	6.809	2.422	9.231
Espírito Santo	1.055	405	1.460
Rio de Janeiro	4.900	2.221	7.121
Distrito Federal	18.221	11.459	29.680
São Paulo	171.289	121.145	292.434
Paraná	1.817	3.190	5.007
Santa Catarina	806	144	950
Rio Grande do Sul	5.359	2.675	8.034
Mato Grosso	570	319	889
Goiás	192	127	319
Total	219.142	147.897	367.039

Fonte: CAMARGO, 1952, vol. II.

De 1901 a 1930 com a instauração do *Decreto Prinetti*⁴, que proibia a imigração subsidiada de italianos para o Brasil, houve uma profunda queda nos contingentes imigratórios italianos para São Paulo; nesse período, a distribuição das nacionalidades dos imigrantes foi mais diversificada, a proporção de espanhóis subiu para 22%, terceiro grupo em importância numérica atrás apenas dos italianos(26%) e portugueses(23%) (HOLLOWAY, 1984, p. 73).

O curioso é que a Espanha também proibiu a imigração por passagens subsidiadas; no início de 1910, o governo espanhol realizou uma investigação formal sobre as condições de vida de seus súditos no Brasil e concluiu que os contratos estavam levando à exploração e ao abuso. Disso resultou a ordem real de 25 de Agosto de 1910 proibindo emigrar ao Brasil com bilhete gratuito (KLEIN, 1994, p. 43), atitude que ao que parece não alterou significativamente o fluxo de espanhóis para o país, uma vez que os anos de maior índice de entrada deram-se depois da instauração da proibição.

⁴ O *Decreto Prinetti*, de 1902, como foi chamado por causa do então ministro das Relações Exteriores nunca foi revogado, e referia-se apenas à concessão de transportes gratuitos; aqueles que pudessem pagar sua própria passagem poderiam emigrar à vontade. Um grande número de italianos continuou a embarcar para São Paulo, mesmo com passagem subvencionada pelo governo brasileiro, por meio de contratantes que burlavam a fiscalização, mas o que se percebe é a sequente diminuição dos contingentes de italianos em contraposição ao aumento de chegadas de outras nacionalidades.

Aliado ao Decreto, durante a crise cafeeira dos primeiros anos do século XX, que se arrastava desde o fim do XIX, uma proporção muito alta de italianos começou a deixar São Paulo, na maioria dos casos, para voltar à Itália ou para reemigrar para outros países; nesse período, não só diminuiu a entrada de imigrantes, mas aumentou a saída, sendo que, nos anos de 1903 e 1904, contou São Paulo com mais emigrantes do que imigrantes. O fato voltou a se repetir durante a *Primeira Grande Guerra* (HUTTER, 1986, p. 15).

O efeito do *Decreto* não foi maior que a necessidade constante de mão-de-obra para a lavoura e o direcionamento da subvenção oficial para outros países, tais como a Espanha, de onde a grande maioria dos emigrados com destino ao Brasil teve subvencionado o transporte até a fazenda de café. Nas palavras de Martins (1989, p. 7):

“...o imigrante espanhol se destinou a repor a força de trabalho do imigrante italiano, que não estava sendo recriada pela própria imigração italiana ou que estava abandonando o país desde fins do século XIX. O fluxo de abastecimento dos cafezais com trabalhadores italianos havia sido interrompido, em 1902, com o decreto Prinetti, que proibira a imigração subsidiada para o Brasil”.

A imigração italiana, que durante muito tempo constituiu a mais numerosa corrente para São Paulo, perde seu posto a partir de 1905, sendo que o contingente espanhol passou a ser, no período de 1905 a 1920 o de maior fluxo no Estado, predominando também em âmbito nacional no período 1905-1919, tendo como exceção, em ambos os casos, o ano de 1907, em que predominou a imigração italiana sobre a espanhola (MARTINS, 1989, p. 7).

Em sua maioria, os imigrantes espanhóis eram camponeses que chegaram ao Brasil com a família, imigrando em definitivo, indo diretamente para o interior, para as fazendas, na maioria realmente pobres, cuja viagem fora subvencionada pelo governo brasileiro. Além disso, em maior proporção, foram para as zonas novas, onde as terras eram de melhor qualidade ou mais férteis do que nas zonas mais antigas, as do chamado “oeste velho”.

A imigração espanhola coincidiu com a expansão dos cafezais para o Oeste Novo, enquanto a italiana coincidira com a ocupação do Oeste Velho. Em 1920, dos 133.749 espanhóis que viviam nas regiões cafeeiras 49,9% estavam nas zonas novas, enquanto que nessas zonas estavam 31,9% dos italianos e 27,2% dos brasileiros. No oeste velho viviam 57,4% dos brasileiros, 66,6 dos italianos e 48,3% dos espanhóis. Estes últimos tinham sua presença acima da média na Araraquarense, na Alta Sorocabana e na Noroeste (MARTINS, 1989, p. 22).

Para Herbert Klein (1994, p. 39), devido à política da passagem subsidiada, os imigrantes espanhóis que vinham para o Brasil eram os mais pobres, como também vinham mais em núcleos familiares do que qualquer grupo de imigrantes e era menos provável que fossem artesãos ou comerciantes e profissionais liberais, além de serem também analfabetos⁵. Em *Populações Paulistas*, Ellis Júnior (1934, p. 167) ressalta que:

“O espanhol é bem menos instruído que o italiano. Sob esse ponto de vista a sua inferioridade é patente mesmo em confronto com todos os demais elementos imigratório localizados em São Paulo. De acordo com o “Relatório da Secretaria da Agricultura de 1928 (...) a porcentagem de analfabetos entre os imigrantes espanhóis sôbe, com effeito, a nada menos que 53,71%”.

Para Martins, na qual a grande diferença entre a imigração espanhola e a italiana está em que esta última imigração estava estratificada em classes sociais: havia camponeses sem terra, operários, comerciantes, capitalistas artesãos, além de intelectuais. A imigração espanhola, ao contrário, foi predominantemente de camponeses. Mesmo os não camponeses, que em certa proporção também imigraram para o Brasil, foram os que mais reemigraram (MARTINS, 1989, p. 9).

Tabela III – *Características dos principais grupos de imigrantes que chegaram pelo porto de Santos entre 1908-1936.*

	italianos	Portugueses	Espanhóis	japoneses	Total
População total	202.749	275.257	209.282	176.775	1.222.282
% de sós	42	53	18	5	37
% analfabetos	32	52	65	10	34
% Ocupação agrícola	50	48	79	99	59

Fonte: KLEIN, 1989, p. 116.

Nesse período eram menores as oportunidades de ascensão; conforme escreve Martins (1989), quando o italiano chegara, o futuro do imigrante era definido por uma perspectiva camponesa e por uma relação de trabalho que, em grande parte, era uma variação das condições de vida camponesa. O colonato estava no seu início. No surto de imigração espanhola, o colonato, já estava modificado pela ação e pressão do próprio imigrante italiano e, mesmo, do governo italiano.

Uma das principais modificações nas relações de trabalho fora a da ampliação do pagamento em dinheiro e a do acerto mensal com o trabalhador, em vez do acerto anual. A

⁵ Martins (1989, p. 17) calcula que em 1911 71,8% dos espanhóis eram subsidiados contra um índice de apenas 37% dos italianos e 24% dos portugueses.

perspectiva do imigrante, nesse outro momento, está, pois, mais próxima do trabalho assalariado, resultante da lenta desagregação do colonato. O pagamento em dinheiro era, porém, um ardil, e empobrecia o imigrante ainda mais. No típico colonato, ao menos, o trabalhador podia substituir com o produto da horta e da agricultura, com o intercalar de alimentos. Claramente, os imigrantes espanhóis desse período estão entre os mais pobres e os de menor mobilidade social (MARTINS, 1989, p. 10).

Quanto à propriedade da terra, observa-se que o contingente espanhol teve aumentado seu índice de propriedade no decorrer das décadas do início do século passado; Martins calcula que em 1904/1905, das 49.522 propriedades agrícolas existentes no Estado de São Paulo, apenas 415 pertenciam a espanhóis, número considerado baixo pelo autor uma vez que já haviam entrado no Estado mais de 150 mil espanhóis.

Em 1930/1931 o número de propriedades de espanhóis havia subido para 8.930, montante modesto se considerarmos as 27.376 de italianos no período. Em 1933/1934, os espanhóis já tinham 14.410 propriedades, 85% delas menores que 25 alqueires, sendo que mais de 70% localizavam-se em terras de zonas novas (MARTINS, 1989, p. 23/25).

ENTREO RURAL E O URBANO: A INSERÇÃO SOCIAL DO ESPANHOL EM SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

A região onde se localiza o município de Rio Preto, por ser uma “zona nova”, tem como grande importância a contribuição do estrangeiro, assim como do elemento nacional; entrados em mais de 174 mil de 1901/1940, representam por volta de 13% do total do Estado. Dado o extraordinário aumento absoluto da população da zona, mais de 795 mil indivíduos em quarenta anos, os imigrantes e trabalhadores nacionais abrangem mais de 20% daquele número. Em 1940 a maior colônia italiana do interior do Estado encontra-se nesta zona (CAMARGO, 1952, p. 128/138).

Em 1920, só o município de Rio Preto abrigava mais de 22 mil estrangeiros, número que aumenta para mais de 38 mil em 1934, quando do primeiro já haviam sido desmembrados os municípios de Cedral, Monte Aprasível, Tanabí, Nove Granada, Potirendaba, Uchôa, José Bonifácio e Ibirá. Em 1940, tendo sido criados os municípios de Palestina e Paulo de Faria, o número de estrangeiros caía para 27.328 indivíduos; destes, dois terços se formavam de italianos e espanhóis.

Tabela IV – População estrangeira em Rio Preto e consequentes desmembramentos (1920-1934).

MUNICÍPIOS	1920	1934	1940
RIO PRETO	22.404	7.442	6.152
Cedral	-----	1.645	1.059
Mirassol	-----	7.050	4.596
Monte Aprasível	-----	7.634	4.757
Tanabí	-----	2.071	2.397
Nova Granada	-----	4.155	2.835
Potirendaba	-----	1.831	1.392
Uchôa	-----	2.660	1.558
José Bonifácio	-----	1.618	928
Ibirá	-----	2.266	900
Palestina	-----	-----	624
Paulo de Faria	-----	-----	130
TOTAL	22.404	38.372	27.328

Fonte: CAMARGO, 1952, p. 55.

O espanhol constitui uma das etnias mais importantes no conjunto da sociedade de S. J. Rio Preto no início do século XX, e há indícios de sua presença desde os primórdios da ocupação da região, atuando no desmatamento de terras para o plantio do café, como escrito em texto sobre a colônia espanhola local no *Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto 1927-1929*.

Faz aproximadamente 30 anos, para quem morava em Araraquara, Rio Preto era considerado um verdadeiro Couto de ladrões e assassinos; falta de braços para a lavoura; sem vias de comunicação de espécie alguma a não ser o vagaroso carro de bois ou o lombo do burro.(...) Mas, eis que em um determinado momento a corrente emigratória espanhola, que cultivava as primorosas terras da São Paulo-Goyaz desde Bebedouro a Olímpia, deu em transplantar-se para as ubérrimas terras de Rio Preto, e, como se fosse invadido por formigas de correição, Rio Preto e sua imensa Comarca, achava-se completamente povoado, chegando a ser em poucos annos o que hoje vemos: um verdadeiro empório de riqueza e de trabalho. (Extremenho. **Os espanhóis e sua actividade em toda a Comarca.** In: CAVALHEIRO, 1929,s/n)

Ressalta-se ainda no mesmo texto o espanhol como desbravador de terras, elemento que, junto com o trabalhador nacional, era importante na ocupação das terras que iam de S. J. Rio Preto até a divisa com o Estado de Mato Grosso. Além disso, observa-se que o espanhol desempenhou papel de desbravador em toda a Comarca, sendo responsável pela fundação de vários núcleos urbanos, como os de Nova Granada e Palestina, que apesar de ter no nome uma homenagem ao contingente árabe, importante no local, teve como fundador um espanhol.

Tal característica do imigrante é ressaltada por Cavalheiro ao comentar a colônia espanhola em Rio Preto:

Trabalhadores e ousados – como os da sua raça – não se limitaram os espanhóis à vida acomodaticia dos pequenos centros ainda em embrião e onde fervilhavam mexericos políticos e questiúnculas em torno de terras de propriedade mal definida.

A sua ação, projectando-se para mais largos horizontes, enveredou stoicamente matto a dentro, e assim, depois de cruzarem todos os recantos da Comarca, foram arregimentando núcleos, erigindo aldeias, delimitando propriedades e incrementando a cultura agrícola em suas múltiplas espécies, das quaes se destaca hoje a lavoura cafeeira. (CAVALHEIRO, 1929, s/n).

Em 1920, o espanhol constituía o mais numeroso grupo imigrante de Rio Preto, sendo que dos 22.404 estrangeiros calculados por Camargo no município, mais de 8 mil eram espanhóis; os italianos constituíram o segundo maior grupo. Em 1940, os espanhóis correspondiam por mais de 34% dos estrangeiros locais (CAMARGO, 1952).

É impressionante a identificação do espanhol com a cidade, uma vez que em 1920 localizava-se aí 21% dos 40.799 espanhóis da região Araraquarense, sendo que em 1920, apenas a Capital e os municípios de Santos e Ribeirão Preto apresentavam contingentes de espanhóis maiores que o de Rio Preto.

Em 1940, o número de espanhóis da Araraquarense cai quase que pela metade, com pouco mais de 22 mil indivíduos; porém, S. J. Rio Preto é o único município da região a ter visto aumentado seu contingente espanhol no período, e concentra, à época, mais de 41% dos espanhóis de toda aquela zona, de modo que naquele momento nenhuma outra cidade do interior paulista apresentava maior contingente da etnia.

Tabela IV – Espanhóis em Rio Preto e consequentes desmembramentos (1920 – 1940).

MUNICÍPIOS	Número	%	Número	%	Total estrangeiros	Total estrangeiros
	1920	1920	1940	1940	1920	1940
RIO PRETO	8.570	-----	1.364	-----	22.404	6.152
Cedral	-----	-----	193	-----	-----	1.059
Mirassol	-----	-----	1.800	-----	-----	4.596
Monte Aprasível	-----	-----	1.788	-----	-----	4.757
Tanabí	-----	-----	1.223	-----	-----	2.397
Nova Granada	-----	-----	1.161	-----	-----	2.835
Potirendaba	-----	-----	335	-----	-----	1.392
Uchoa	-----	-----	737	-----	-----	1.558
José Bonifácio	-----	-----	207	-----	-----	928
Ibirá	-----	-----	285	-----	-----	900
Palestina	-----	-----	223	-----	-----	624
Paulo de Faria	-----	-----	35	-----	-----	130
TOTAL	8.570	38,3	9.351	34,2	22.404	27.328

Fonte: CAMARGO, 1952, p. 55.

A presença do proprietário imigrante foi marcante na zona Araraquarense durante toda sua evolução, sendo que, de acordo com Camargo, a porcentagem de estrangeiros sobre o

número total de produtores rurais, que era de 29,6% em 1905, cresce para 43% em 1920, 45% em 1934, para reduzir-se a 38% em 1940.

Ninguém nega as dificuldades da vida do imigrante, tanto no país de origem quanto no de chegada. Com maior ou menos alcance, isso sempre foi motivo de controvérsia. O que se tenta resgatar é se as relações vigentes no colonato e o quadro sócio-econômico permitiram a mobilidade social dos colonos e em contrapartida seu acesso à propriedade rural ou urbana.

O município de Rio Preto apresenta caso notável, uma vez que apenas pouco mais de 2% das propriedades agrícolas pertenciam a estrangeiros em 1905, esse índice eleva-se para mais de 32% em 1920 e para 36,5% em 1934, caindo para 30% em 1940, devido à diminuição do número de estrangeiros nos núcleos urbanos do município. Cresceria porém, até 1940, a área pertencente aos estrangeiros, cujas percentagens seriam, em relação ao número total de propriedades 17% em 1920, 26% em 1934 e mais de 30% em 1940 (CAMARGO, 1952, p. 246).

Desde o início do século o elemento italiano predomina entre os proprietários estrangeiros da Araraquarense, chegando a significar, em 1905, mais de 70% dos mesmos; em 1940, mais da metade dos proprietários estrangeiros da região eram italianos. O elemento predominava também entre os proprietários em Rio Preto, sendo que mesmo tendo diminuído pela metade de 1934 a 1940, o número de propriedades de italianos no município constituía a maior parte dos estrangeiros, no último ano com a forte concorrência do espanhol.

Tabela V – Proprietários estrangeiros em Rio Preto e consequentes desmembramentos (1905 – 1940).

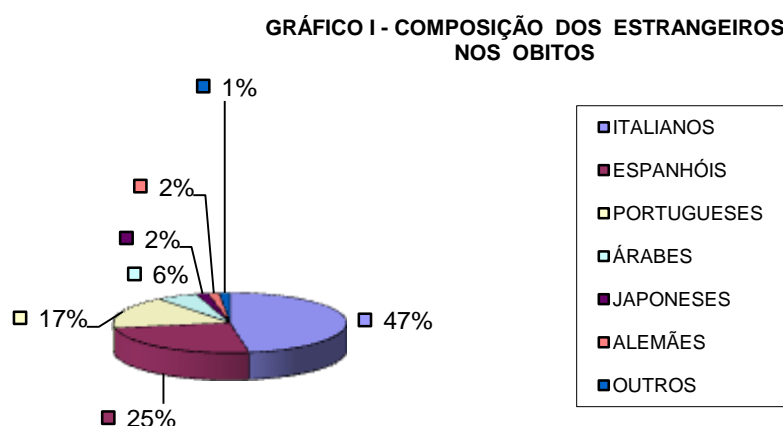
MUNICÍPIOS	1905			1934			1940		
	Italianos	Portugueses	outros	italianos	Portugueses	outros	Italianos	portugueses	outros
RIO PRETO	5	2	4	488	77	148	282	152	155
Cedral	---			103	52	15	60	46	23
Mirassol	---			385	117	297	229	103	261
Mt. Aprasível	---			626	191	863	359	155	442
Tanabí	---			323	46	357	107	28	214
Nova Granada	---			280	83	675	55	25	248
Potirendaba	---			182	39	69	123	48	62
Uchôa	---			125	51	127	63	46	92
José Bonifácio	---			153	35	98	77	65	69
Ibirá	---			120	25	88	78	22	76
Palestina	---			---	---	---	56	33	68
Paulo de Faria	---			---	---	---	3	2	14
TOTAL	5	2	4	2.785	716	2.737	1.492	725	1.724

Fonte: CAMARGO, 1952, p. 117.

Ao analisarmos os registros de óbitos de Rio Preto, verificamos que a sociedade local mostra-se bastante diversificada no período, sendo composta por indivíduos de várias nacionalidades e regiões do globo. De 1912 a 1940, os italianos compõem a grande maioria

dos estrangeiros, com 609 registros encontrados, ao passo que os espanhóis constituem o segundo grupo mais numeroso, com 319 indivíduos seguido dos portugueses com 223 e árabes sírio-libaneses com 74.

Tal grupo corresponde aos encontrados com maior frequência e constituem as mais importantes etnias na contribuição para a formação da sociedade local, restando ainda um segundo grupo formado por etnias de menor contingente e de presença irregular no período. Tal grupo era formado por alemães e japoneses, estes em maior número, e ainda indivíduos da Áustria, Rússia, Hungria, França, dentre outros.



Fonte: I Cartório de Registro Civil de S. J. Rio Preto.

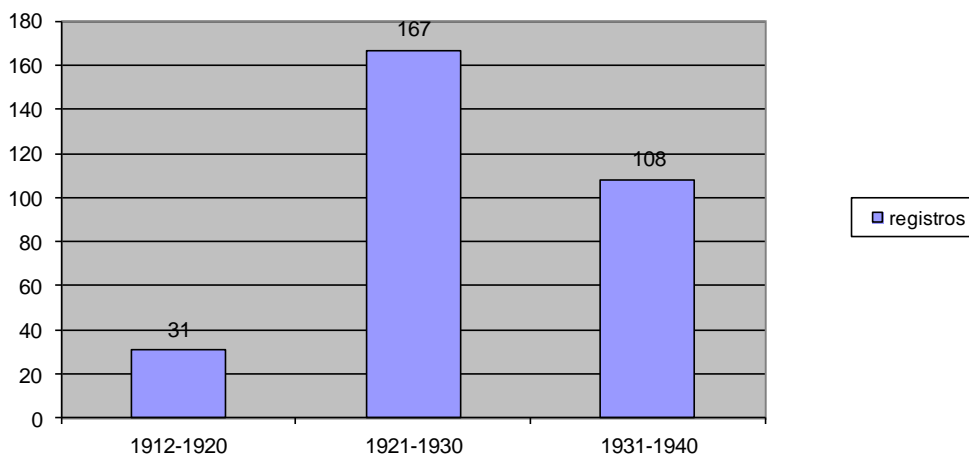
Analisando os *Registros de Óbitos*⁶ do período, observa-se a presença do elemento espanhol, que foi encontrado com regularidade em todos os anos do início do século XX, sendo encontrados em número de 306 indivíduos em todo o período 1912-1940; até 1920, o montante de registros referentes a espanhóis é pequeno, e perfazem uma média de pouco mais de três óbitos por ano.

Durante a década seguinte cresce razoavelmente o número de indivíduos espanhóis nos registros de óbitos, principalmente após o ano de 1925, quando foram encontrados 16 referências à etnia; os números permanecem altos até o final do período, e a média anual de 1921-1930 é de 16,7 registros. De 1931 a 1940, a média cai para 10,8.

A proporção entre homens e mulheres espanhóis nos registros é equilibrada, sendo que os homens representam 57% do total com 173 indivíduos; como era também o caso dos italianos, observa-se no espanhol de Rio Preto a grande incidência de famílias, sendo que as porcentagens são idênticas para os dois grupos.

⁶ Pesquisa realizada no I Cartório de Registro Civil de São José do Rio Preto-SP, que contou com a análise dos *Registros de Óbitos* do município no período de 1912 a 1940.

GRÁFICO II - NÚMERO DE REGISTROS DE ÓBITOS DE ESPANHÓIS NO PERÍODO 1912-1940.



Fonte: I Cartório de Registro Civil de São José do Rio Preto-SP.

A concentração no campo é verificada na grande maioria dos espanhóis, sendo que das principais etnias responsáveis pela formação populacional de S. J. Rio Preto, esta é a que apresentou menor índice de trabalhadores urbanos, 24% do total, comparado a 26% dos italianos e 90% dos árabes. Foram encontrados 124 indivíduos declarados agricultores, sendo que o restante dividia-se entre jornaleiros, trabalhadores de roça, colonos, e penas um proprietário.

Quanto às referências sobre as atividades urbanas nos espanhóis, verifica-se um grande número de pessoas dedicava-se ao comércio, sendo que do total de 41 registros encontrados, 13 foram declarados comerciantes; foram encontrados também exercendo profissões urbanas, como marceneiros, artistas e sapateiros; porém, a sua presença mostra-se marcante nas ocupações urbanas de menor especialização, como oleiros, carroceiros, operários e pedreiros; estas, junto com o comércio, constituíram a maioria dos registros urbanos.

GRÁFICO III - Atividades dos espanhóis os óbitos.

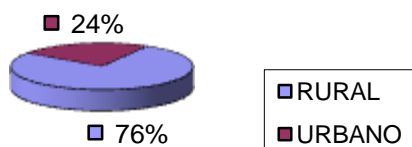
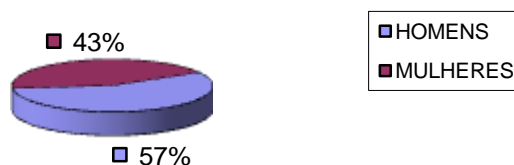


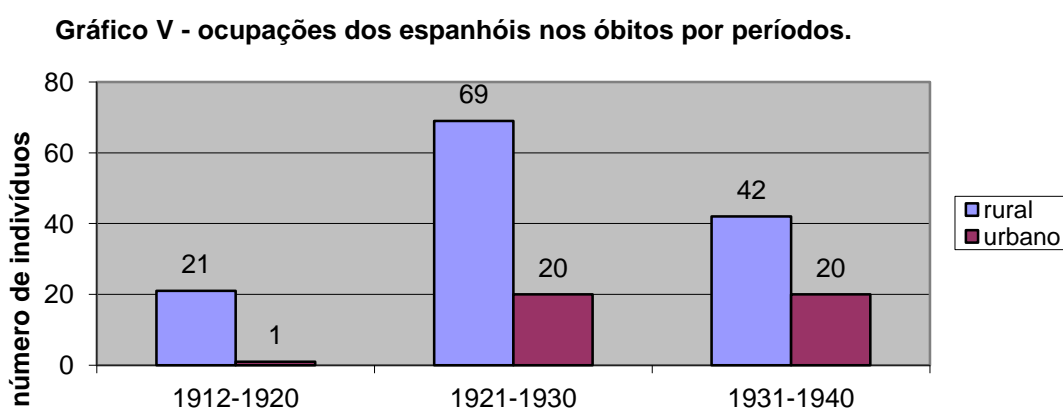
Gráfico IV - Proporção de homens e mulheres espanhóis nos óbitos.



Fonte: I Cartório de Registro Civil de São José do Rio Preto.

Observa-se nos óbitos que o contingente de indivíduos declarados com atividades urbanas aumenta no decorrer do período; de 1912 a 1920, predominam quase que exclusivamente as atividades ligadas ao campo, sendo que a partir de 1927 as atividades urbanas tornam-se mais frequentes, correspondendo no período de 1931/1940 por quase a metade dos registros.

No gráfico V, os registros estão divididos em três períodos e demonstram claramente o crescimento dos indivíduos declarados urbanos em relação aos ligados ao campo; observa-se que no primeiro período, além dos 17 lavradores, 3 jornaleiros e 1 trabalhador de roça, foi encontrado um único indivíduo exercendo atividade urbana, no caso, no ramo do comércio.



Fonte: I

Cartório de Registro Civil de São José do Rio Preto-SP.

No período 1921-1930, tornam-se mais frequentes as referências a espanhóis radicados no meio urbano, sendo que também são mais variadas as atividades; as mais recorrentes, como em todo o período, foram as ligadas ao comércio, ressaltando-se a grande maioria de trabalhadores de pouca especialização. Foram encontrados 5 comerciantes, 1 artista, 1 soldado do Estado, 3 carpinteiros, 1 fotógrafo, 1 barbeiro, 3 pedreiros, 1 oleiro, 1 chofer, 1 leiteiro, 1 operário e 1 carroceiro .

Em 1931/1940, registrou-se o mesmo número de espanhóis exercendo atividades urbanas do período anterior, porém, foram encontradas em bem menor quantidade, as atividades ligadas ao campo; 42 indivíduos foram declarados agricultores, e apenas um, proprietário. Quanto às ocupações urbanas, predomina a concentração no ramo do comércio, com 8 indivíduos, e nas ocupações de menor especialização; foram encontrados 3 pedreiros, 3 operários, 1 oleiro, 1 chofer, 1 jardineiro, além de 2 marceneiros e ainda 1 industrial, o que confere ao contingente espanhol local uma grade diversidade de tipos.

Na cidade, observa-se o elemento espanhol desempenhando as mais diferentes atividades, dos mais diferentes graus de especialização, sendo que as mais importantes foram

as do ramo do comércio e o das profissões urbanas; por volta de 1920, os espanhóis superaram os italianos no número de estabelecimentos comerciais. Em 1919, superaram os italianos em número de residências servidas pela companhia telefônica (CAVALHEIRO, 1929).

Mas a grande concentração de espanhóis no urbano de Rio Preto não faz justiça ao volume de indivíduos da etnia que rumaram para lá; os trabalhadores do campo, em maior número, eram ignorados, como escreve Cavalheiro descrevendo a colônia espanhola local:

“E achamos natural essa ignorancia, porque, tanto os políticos como os jornalistas vivem em um meio completamente artificial; onde só se ouve a voz autorizada dos Matarazzos, dos Puglisis, dos Martinellis, e de outros grandes senhores, que, “a força da inteligência”, souberam inculcar o seu animo no espirito dos políticos e dos jornalistas; a ponto de, tanto em artigos dos grandes jornaes, como nas Conferências de Imigração, só se ouve falar em Colonização Italiana, sem se lembrar para nada, dos Hespanhoes e Portuguezes.”

“Mas tudo isso os espanhóes aceitam como bom, pois sabem que, axistindo na América duas dezenas de países independentes, onde se fala o castelhano, e onde os costumes são identicos aos da Espanha, elles são o destino de quantos aventureiros e intellectuaes saem de seu paíz (...) para cá só vieram os verdadeiros Jecas da Peninsula, atrahidos pela fertilidade destas terras, sabendo de ante-mão que o seu trabalho, não será tomado em consideração, pelas altas espheras officiais, pois não têm intellectuaes de especie alguma que lhes cantem as virtudes (...) tanto é assim, que, no commércio, na industria ou na política, pouco ou nada representam os espanhóes.” (CAVALHEIRO, 1929, s/n).

A presença do espanhol na Lista de Profissões do *Álbum de 1919* (SILVA, 1919) aponta a presença maciça de comerciantes, embora estivessem relacionados dois advogados, além de vários profissionais urbanos; foram registrados entre os 24 estabelecimentos encontrados neste ano 1 hotel, 1 fábrica de arreios, 1 alfaiataria, 2 barbeiros, 1 fábrica de móveis, 10 armarinhos de secos e molhados, 1 representante, 1 depósito de cereais, 3 confeitarias e 1 botequim, todos pertencentes a espanhóis (SILVA, 1919).

Dez anos depois, a presença do espanhol no urbano de Rio Preto mostra-se maior e mais diversificada; o número de estabelecimentos aumenta em 45 em dez anos, perfazendo um montante de 69 referências encontradas. Nesse período, devido ao enorme contingente que dirigia-se para o local desde o início do século, a cidade contava com um Vice-Consulado da Espanha (CAVALHEIRO, 1929).

No comércio, algumas alterações foram percebidas no que se refere à concentração dos ramos das atividades dos espanhóis; nenhum estabelecimento de armarinhos e fazendas foi

encontrado na lista de profissões de 1929, ramo dominado na cidade especialmente por árabes e italianos, sendo que as maiores recorrências do elemento espanhol encontram-se nos armazéns de secos e molhados, com 16 estabelecimentos registrados.

Além destes, foram encontrados pertencentes a espanhóis: 1 açougue, 1 agente de negócios, 2 armazéns de cereais, 3 bares, 2 botequins, 5 comércios de cereais, 2 frutarias, 3 hotéis, 2 máquinas de benefício e 1 padaria, além de 5 sapatarias, 1 selaria, 1 serraria, 1 marcenaria, 1 ferreiro, 1 carpintaria, 4 barbearias e 3 alfaiatarias. Observa-se também, nos dez anos do período 1919/1929, o aumento dos profissionais liberais diplomados de origem espanhola, sendo encontrados 5 advogados, 2 dentistas, 2 engenheiros, 1 médico e 2 farmacêuticos com seus respectivos estabelecimentos comerciais (CAVALHEIRO, 1929).

Dentre os espanhóis de maior destaque no município, O *Álbum de 1929* destaca Rosendo B. Martinez, que ao lado de outros imigrantes, fundou em 1920 a Associação Comercial do município, exercendo o cargo de 2o. tesoureiro em sua primeira diretoria; os comerciantes Francisco Vidal, Hemetrio Pascua Valle, o engenheiro Eduardo Campoó, proprietários de grandes estabelecimentos à época, e o maior produtor de café no município, Manuel Reverendo Vidal, chefe político regional, vereador à Câmara Municipal de Rio Preto e o mais abastado fazendeiro da Comarca, cognominado o Rei do Café nesta zona (CAVALHEIRO, 1929).

De características diferentes daqueles grupos imigratórios chegados anteriormente, os espanhóis localizaram-se preferencialmente em regiões de grande produção agrícola, onde trabalharam prioritariamente como colonos e em atividades ligadas ao campo. No entanto, devido ao grande número de indivíduos e às oportunidades criadas pelo complexo exportador cafeeiro, tais elementos circulavam pelas mais diversas áreas de atuação existentes à época, constituindo-se em um importante componente no processo de ocupação de terras e desenvolvimento dos núcleos urbanos do interior de São Paulo, especialmente no início do século XX.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Cláudio. *Os espanhóis no Brasil*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.
- ANDREWS, George Raid. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. Bauru: Edusc, 1998.
- BORGES, M. E. *O café e a arte: o imigrante italiano em Ribeirão Preto*. História, São Paulo, 13, p. 13-28, 1994.

- CAMARGO, José Francisco de. *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*. Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP. São Paulo, 1952, v. 1 e 2.
- CAVALHEIRO, A. *Álbum Ilustrado da Comarca de Rio Preto: 1927-1929*. São Paulo: Casa Editora Duprat-Mayença, 1929.
- DEAN, W. *Rio Claro: um sistema brasileiro de grande lavoura (1820 – 1920)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DI GIANNI, T. P. *Italianos e propriedade urbana na cafeicultura paulista (Franca-SP, 1887 a 1916)*. História, São Paulo, 13, p. 65-80, 1994.
- ELLIS JÚNIOR, A. *Populações paulistas*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.
- FAUSTO, B. *Historiografia da imigração para São Paulo*. São Paulo: Sumaré, 1991.
- FONT, M. Coffe planters, politics and development in Brasil. *Latin América Research Review*, 22(3): 69-90, 1987.
- HALL, M. The origins of mass immigration in Brasil, 1871-1914. Columbia University, 1969. (Tese de Doutorado).
- HOLLOWAY, Thomas H. *Imigrantes para o café*. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1984. (Coleção Estudos Brasileiros, v. 71).
- HUTTER, Lucy Maffei. *Imigração italiana em São Paulo de 1902 a 1914: o processo migratório*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1986.
- JACINTO, Rosimeire D'Ávila. *Lembranças da Imigração: Cenas e cenários dos imigrantes espanhóis em Bauru (1892 – 1930)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação da FHDSS – UNESP, Campus de Franca. Franca: 2000.
- KLEIN, Hebert S. *Imigração espanhola no Brasil*. São Paulo, ed. Sumaré, FAPESP, 1994.
- _____. *A integração dos imigrantes italianos no Brasil, na Argentina e nos Estados Unidos*. In **Novos Estudos Cebrap**, n.º 25, p. 95-117, outubro de 1989.
- LOVE, J. *A Locomotiva: São Paulo na federação brasileira (1889 – 1937)*. Rio de Janeiro: 1982.
- MARTINS, J. S. *A imigração e a crise do Brasil agrário*. São Paulo: 1973;
- _____. José de Souza. *A imigração espanhola para o Brasil e a formação da força de trabalho na economia cafeeira: 1880-1930*. **Revista de História USP**. São Paulo, n.º121, 1989. p/ 5-26.
- _____. *O cativo da terra*. São Paulo: 1996.
- OLIVEIRA, F. A. M. Italianos no interior de São Paulo por volta do início do século XX. História, São Paulo, 13, p. 51-64, 1994.

- PETRONE, M. T. S. O imigrante e a pequena propriedade: 1824 – 1930. São Paulo: 1982.
- _____. Imigração assalariada. vol. 3, São Paulo: Difel, 1965 (Tomo II);
- _____ Imigração. In FAUSTO, B. História Geral da Civilização Brasileira. vol. 2, São Paulo: Difel, 1977 (Tomo III).
- SILVA, R. Álbum da Comarca de Rio Preto: 1918-1919. s/ed., 1919.
- STOLKE, V. Cafeicultura: homens, mulheres e capital (1850 – 1980). São Paulo: Brasiliense, 1986.